

Bella Città

Conheça recantos de proteção à biodiversidade, que guardam belezas naturais pouco exploradas em Botuverá

Ministério do Turismo

Secretaria Especial da Cultura

Patrocínio Master

Havan S.A (conf. art.18 Lei 8.313)

Site

www.minhasantacatarina.com.br

Parceria

O Município: pesquisa histórica, levantamento de informações e hospedagem web.

Coordenação geral

Sérgio Valle / PrismaCultural

Coordenação editorial

Marcelo Reis

Produção executiva

Andrei Paloschi

Assistente

Everton Caetano

Pesquisa e textos

Jornal O Município

Cristóvão Vieira

Pesquisa de fotos

Marcelo Reis

Projeto gráfico, montagem e versão final

Raffcom

Desenvolvimento web

ServerDo.in

Cidade das belezas naturais

A pequena Botuverá conta com uma longa lista de atrativos que a tornam única e com grande potencial turístico

A cidade de Botuverá tem uma longa lista de atrativos naturais. São infindáveis cachoeiras, nascentes, pássaros e outros animais silvestres que se espalham pela área extensa verde do município.

Com uma rica história, a pequena cidade guarda pontos de travessias abertos pelos antigos imigrantes italianos que até hoje são redescobertos e realizados por aventureiros. Locais onde antes era extraída a madeira das árvores nativas hoje estão tomados pela mata selvagem, e ainda guardam preciosidades e belezas em extinção, tanto da fauna quanto da flora.

O atrativo mais famoso de Botuverá, entretanto, são as cavernas descobertas em 1940 e que contam com 1,2 mil metros de extensão. Formadas há 65 milhões de anos, são conhecidas em todo o Sul do país e também em outros estados e atraem milhares de visitantes para a cidade anualmente. Em 1990, aproveitando o potencial turístico do local, foi criado o Parque das Grutas, que está totalmente estruturado para receber os visitantes dos enormes salões formados por estalactites, estalagmites, além de outros espeleotemas.

Todas as belezas naturais de Botuverá estão em meio à Mata Atlântica, tornando tudo ainda mais bonito e especial. A cidade é a que mais preserva o bioma em Santa Catarina. De 29.619 hectares - área total da cidade - 26.666 hectares são de Mata Atlântica nativa, ou seja, 83,28%.

IMAGEM: Caverna com estalactites e estalagmites de cor marrom.

Potencial turístico

A cidade de colonização italiana tem o grande desafio de aproveitar todas as belezas naturais, desenvolvendo o ecoturismo de forma sustentável.

Para o prefeito José Luiz Colombi, o Nene, não só a prefeitura, mas toda a comunidade botuveraense precisa se unir no objetivo de atrair cada vez mais adeptos do turismo de aventura.

“O poder público não consegue fazer turismo, mas tem que ser um incentivador. Temos que fazer nossa parte, mas a iniciativa privada, os donos dos terrenos em que ficam estas trilhas e cachoeiras precisam visar lucro. Mas pra isso acontecer eles têm que se capacitar, se preparar”.

Uma das pessoas que mais colaboram na busca pelo desenvolvimento do ecoturismo de Botuverá é Ivo Leonardo Schmitz, o Léo. Presidente da Associação de Ecoturismo, Preservação e Aventura do Vale do Itajaí (Assepavi), ele observa enorme potencial turístico na cidade.

No entanto, Léo afirma que tudo parte de uma reformulação da visão do turismo. “O turismo em Botuverá precisa evoluir tecnicamente, e a população precisa entender que dá para sobreviver do ecoturismo. Hoje as pessoas procuram não só ir a uma cachoeira ou atravessar uma trilha, as pessoas buscam experiências. Misturar o passeio com um pouco da vivência da cultura bergamasca, a gastronomia, as festas típicas, algo neste aspecto”.

Parque das Grutas

História de milhões de anos

Cavernas descobertas na década de 1940 contam com 1,2 mil metros de extensão

Um cão perdido na década de 1940 foi o principal motivo de o município de Botuverá contar com um dos atrativos de ecoturismo mais estruturados e visitados de Santa Catarina. O animal acabou se embrenhando em meio às grutas de Botuverá, que foram formadas há cerca de 65 milhões de anos, mas até então não haviam sido exploradas pela humanidade.

Ouvindo os latidos, enfim os caçadores encontraram o cão dentro das históricas e imponentes grutas, com 1,2 mil metros de extensão e impressionantes formações de estalactites e estalagmites, além de outros espeleotemas.

A imensa caverna com seus salões, cada um com uma particularidade que o destaca, recebe milhares de visitantes por mês. Desde os anos 1990, Botuverá observou o potencial turístico que o local tinha, e a partir daí foi criado o Parque das Grutas. Atualmente o espaço está totalmente estruturado para receber os visitantes, com profissionais que fazem o guiamento e entregam os equipamentos de segurança.

IMAGEM: Caverna com estalactites e estalagmites de cor marrom. A caverna é iluminada por uma luz de baixo para cima no lado esquerdo da imagem.

A entrada

Desde a entrada nas grutas, somos guiados por Leandro Tabarelli, que trabalha no local já há dez anos. Ele nos fala sobre a importância da segurança no local, com o uso de capacetes. Como o ambiente é bastante escuro, mesmo com aplicação de alguns focos de luz feitos pela própria equipe do parque, é possível acertar a cabeça em uma das rochas mais baixas.

Após adentrar um pequeno portão de grades já se pode acessar a gruta. Basta colocar os pés ali dentro para ter uma noção do que será encontrado dali em diante. A escuridão, a umidade e a temperatura fria são meros detalhes, ignorados por quem tem o visual deslumbrante do ambiente.

As estalactites, estalagmites e passagens que são distribuídas em labirintos, levando os visitantes de um salão para o outro, embelezam o ambiente. Durante todo o passeio são encontrados mais espeleotemas, que é como chamam as esculturas feitas pela água. São os resultados da dissolução do mineral calcita na água, em contato com o ar.

Pelo caminho, são encontrados os reais moradores das grutas. Morcegos dos mais

variados tamanhos sobrevoam os visitantes. Foram registradas as presenças de sete diferentes espécies do animal na gruta. Com visitas diárias de dezenas de estudantes, já estão acostumados com a presença humana, mas ainda preferem os locais mais escuros e altos para habitarem.

Salão do Órgão

Após subir um lance de escadas de formação rochosa, encontramos o primeiro salão. É o maior e mais impressionante. O choque na chegada é inevitável. Sair de uma entrada acanhada e escura para um deslumbrante território com 25 metros de altura por 60 m de comprimento deixa o visitante atônito, sem fôlego. O jogo de luzes inserido no local também faz toda a diferença.

O Salão do Órgão recebe este nome graças a mais um espeleotema. Um conjunto de estalactites formou uma cortina, que lembra o agrupamento de flautas utilizado em um órgão. Se tocadas, as estalactites também emitem um som característico, mas isso não é mais permitido pelos guias, uma vez que pode haver a ruptura das estruturas – algumas das estalactites já estão quebradas.

IMAGEM: Caverna com espeleotemas de cor marrom.

Salão da Geleira

Pelas costas do Salão do Órgão, chegamos no Salão da Geleira. Esse é menor, mais modesto, mas não por isso menos impressionante. Assim como todos os outros espaços, esse também tem uma peculiaridade, que é motivo de receber este nome.

No salão há uma formação rochosa que lembra uma parede de gelo. Ela é esbranquiçada por ser um bloco calcário. O apelido do salão parte também da umidade gerada pelas gotas que não param de pingar na rocha, reforçando a semelhança com uma parede de gelo.

Salão da Catedral

A maior formação de estalactite está presente no terceiro e último salão aberto a visitas. O Salão da Catedral recebe este nome porque, de fato, lembra uma antiga e histórica igreja. Algumas das formações rochosas que vêm do solo, como as estalagmites, fazem o local parecer um templo com alguns símbolos a serem adorados.

Uma estalagmite específica, inclusive, é parecida com a torre de um castelo, uma igreja ou até mesmo a peça conhecida como bispo em um tabuleiro de xadrez. Neste salão, que é mais apertado, as estalactites se aproximam das estalagmites, gerando um belo encontro natural de espeleotemas.

Salões não permitidos

Devido à sensibilidade de alguns dos elementos presentes em dois dos salões, não é permitida a visita nestes locais. O Salão das Orquídeas tem este nome assim pois conta com belas flores de aragonita, que também são espeleotemas chamados de helictites. A flor de aragonita é considerada a segunda helictite mais rara do mundo.

Seguindo no Salão do Órgão, em direção reta, é possível acessar o Salão do Lago. Lá

há uma pequena formação represada de água que forma um lago. Contudo, o lago está secando com o tempo, e é um dos motivos de estar fechado para visitas.

IMAGEM: Caverna com estalactites de cor marrom. Existe uma parede de rocha de cor marrom na parte inferior.

Exploração científica

Após serem encontradas por caçadores e moradores da região entre 1940 e 1960, as grutas só foram de fato pesquisadas a partir de meados dos anos 1970. Um dos chefes desta expedição foi o pesquisador Juarês José Aumond, geólogo responsável por algumas das descobertas mais importantes de Santa Catarina.

Conforme explica, a expedição havia sido contratada pela empresa Cimenvale – hoje Votorantim – para buscar paredões de calcário que seriam usados na produção de cimento, sabendo que Botuverá possui este recurso em abundância. “Nós encontramos a gruta com um buraco já feito pelos caçadores, e decidimos entrar para saber se encontraríamos o calcário por lá”, explica Juarês.

Logo depois de entrar, Juarês escorregou no barro, ele foi lançado 10 metros para dentro da caverna, sua lanterna quebrou e ele ficou cerca de 10 minutos na escuridão. “Foi desesperador. Depois de um tempo eu ouvi os gritos deles e fui caminhando em direção à expedição, até que enxerguei a luz e consegui sair”.

Depois disso, já com mais iluminação e cuidado redobrado, os pesquisadores voltaram para lá. “Nós instalamos dinamites em pouquíssima quantidade na rocha, para não prejudicar a estrutura da caverna, e abrimos aquele buraco que até hoje é o portal usado para entrar nas grutas”.

Depois da exploração mais minuciosa, o geólogo constatou que não havia ali nada que pudesse ser extraído para exploração comercial. “Era um lugar histórico, de dezenas de milhões de anos, que deveria ser preservado. Agora o município de Botuverá fez um belíssimo trabalho turístico, aproveitando aquela gruta que exploramos nos anos 1970”.

Trilha ecológica

Dentro do Parque das Grutas há também uma confortável e tranquila trilha ecológica, que leva a uma pequena queda de água. É recomendável para quem quer apreciar a natureza sem tantas dificuldades, já que o caminho é limpo e aberto para o passeio.

A trilha é bastante utilizada pelas escolas que visitam o parque para atividades externas, apresentando, justamente para uma das gerações mais conectadas e imersas na vida urbanizada, uma experiência em meio à mata. O rio que corta o parque é também um atrativo que merece ser contemplado.

Ao fim da curta e tranquila caminhada, os visitantes são presenteados com uma pequena cachoeira, que incansavelmente jorra água límpida para encher de vida todo o ecossistema presente na região do parque.

Morro do Barão

No topo de tudo

Com possibilidade de enxergar o mar do pico de mais de mil metros de altitude, local é o mais alto da região

“Olha lá! Aquele é o Morro do Barão!”. É bastante comum ouvir esta frase em Botuverá, seguido de um dedo apontado em riste na direção de uma gigantesca montanha de terra, a mais alta entre todas. Difícil imaginar que, com frequência, o topo daquele morro é visitado por aventureiros de todos os cantos, interessados no que há em fartura por lá: belezas naturais, história e visão periférica que beira a perfeição.

Outra constatação que exige esforço para acreditar – só estando lá para conferir – é que do pico do Monte Barão de Charlach, também conhecido como Morro do Barão, é possível enxergar o mar. Em um dia de sol, o visitante que ousar chegar até o topo consegue observar claramente a praia de Tijucas, além da região central da cidade de Nova Trento.

O Morro do Barão é o mais alto da região, com 1,14 mil metros acima do nível do mar. Constantemente é abraçado pelas nuvens, sendo praticamente impossível de ser enxergado das regiões planas nos dias mais nublados. Mas há uma particularidade ainda mais interessante sobre o morro: no seu pico há um conjunto de rochas gigantes, empilhadas naturalmente uma em cima da outra, como que formando uma pequena cabana.

A presença destas rochas no topo do Morro do Barão é um mistério da natureza, fazendo do lugar um dos mais encantadores destinos de Botuverá.

IMAGEM: Paisagem com três pedras rodeadas por vegetação. Uma pedra está centralizada, encaixada entre as outras duas. Ao fundo, o céu está nublado.

No pé do morro

A entrada do Morro do Barão, por Botuverá – porque ele também pode ser acessado por Nova Trento – fica na localidade do Sessenta, com entrada pelo bairro Águas Negras. A reportagem decidiu encarar a subida: são três horas e meia apenas de ascensão. Pernas e joelhos são bastante exigidos. O monte também pertence ao território de Brusque.

No começo, grande parte é composta por um estradão na qual quadriciclos, jipes e motocicletas costumam passar. É um dos trechos mais apreciados pelos organizadores da Festa Nacional do Jeep (FenajEEP), de Brusque, que frequentemente realizam circuitos no local.

Nosso guia do dia, Ivo Leonardo Schmitz, o Léo, decidiu que fizéssemos a subida mais difícil. Não tomamos a tradicional trilha pelo lado direito da subida, e sim uma escalada em pedras pelo flanco esquerdo.

“Vamos fazer em um formato de circuito, subindo por uma trilha e descendo por outra. As duas saem no Sessenta. A subida é mais difícil, vamos por um lugar onde houve um desmoronamento há um tempo”. O lado pelo qual subimos o morro não é recomendável para quem não está acostumado com caminhadas na natureza.

O dia começou ensolarado, dando a noção de que teríamos uma subida tranquila, ao menos em termos de clima. Mas não tardou para que uma garoa fina atrapalhasse esses planos. O solo passou a ficar escorregadio e o perigo de cair aumentou.

Quando chegamos, enfim, nas pedras, o grau de dificuldade aumentou. Era necessário escalar algumas das pedras. Força nos braços, nas pernas e cuidado para não deslizar. A subida parecia infundável, mas com a ajuda dos demais membros da expedição, conseguimos chegar a uma parte mais plana da caminhada.

IMAGEM: Há árvores e outras plantas no primeiro plano. Aos fundos há montanhas. O céu está azul e apresenta nuvens.

Foi utilizado um bastão específico para caminhadas, que reduziu um pouco o impacto das horas de subida. “Usamos para prevenir lesão, tanto de joelho quanto sobrecarga postural. É bom para quem está usando mochilas, por exemplo”.

Mesmo na área plana, há obstáculos da natureza. Pedras, raízes, galhos e toda sorte de empecilhos se apresenta na frente do aventureiro. Toda a elasticidade e o vigor são necessários para agachar, pular, se apoiar e puxar. Em alguns momentos da trilha foi preciso certificar-se para que lado estávamos seguindo, já que o caminho é repleto de bifurcações.

Foram nuances divididas entre imensas subidas e grandes descidas para, na sequência, voltar a subir. Eis que, após as prometidas três horas de subida, enxergamos a luz em meio à mata fechada: era chegada a área de acampamentos, anunciando a proximidade com as pedras e o topo do Morro do Barão.

Pedras mágicas

Chegando às pedras – chamadas de Pedra do Sessenta -, a sensação é de fascinação. Ali, no topo de tudo, histórias de milênios estão envolvidas. As imensas rochas empilhadas são um presente para quem decide encarar o desafio das mais de três horas de subida. Não paramos por ali, e decidimos subir no topo da pedra, que serve como um mirante.

Cravada na rocha mais alta está uma cruz de ferro. Este objeto é centenário, e data de, aproximadamente, 1899. Foram padres jesuítas que o cravaram ali. Eles vieram da Província Romana para a região por volta do fim do século 19, subindo nos montes mais altos do município para estabelecer as cruzes. Há cruzes idênticas no Monte Lima, no Monte Bela Vista e no Morro da Onça, atual Morro da Cruz.

IMAGEM: Cruz de ferro sobre uma pedra. Há uma corda amarrada na parte inferior da cruz. Ao fundo aparece uma floresta, montanhas e nuvens.

No alto da pedra, o vento não para, mas isso colabora com a sensação de liberdade, de estar no ponto mais alto de toda a região. A temperatura baixa bastante. Visualizamos o

mar, e constatamos diferenças climáticas em cada região: em Tijucas e Nova Trento, o sol abria brechas para iluminar e aquecer as comunidades. Já para o lado de Brusque e Guabiruba, as nuvens carregadas derrubavam a chuva. Uma visão mágica e privilegiada.

O Morro do Barão, também conhecido como Monte Barão ou Monte Baron, recebe este nome graças ao Barão de Charlach, um morador antigo que era dono das terras da entrada do morro, pelo lado do município de Nova Trento.

IMAGEM: Uma pedra grande à esquerda, uma pequena parte de outra na região superior, e outra na parte de baixo. As pedras têm limo. Ao fundo, há vegetação.

Volta pra casa

O sofrimento da subida foi recompensado com a incrível maravilha da Pedra do Sessenta, além de uma visibilidade impressionante das cidades ao redor. Contudo, depois da parada, era hora de voltar. A descida também tem a duração de cerca de três horas.

Desta vez descemos no lugar em que é feita, tradicionalmente, a trilha para o morro. Quem pensa que a descida é fácil está enganado. Com o terreno lodoso e úmido, o descenso se torna tão complicado quanto o acesso. Contudo, a vantagem foi ser apenas em meio ao mato, sem pedras e com a trilha limpa.

Fomos contemplados, na descida, com a presença de um pica-pau de cabeça amarela. Ignorando a presença humana, seguiu bicando a madeira de uma árvore, obcecado para comer larvas e insetos dentro do tronco. Mais um presente que a natureza ofereceu aos aventureiros, dispostos a encarar o desafio de subir o encantador e misterioso Morro do Barão.

Rebio da Canela Preta

Guardada a sete chaves

Reserva Biológica Estadual é restrita a visitantes e preserva árvore ameaçada de extinção

Por ser uma madeira de alta durabilidade e qualidade, a *ocotea catharinensis*, árvore popularmente conhecida como canela-preta, está ameaçada de extinção. Foram décadas de exploração pela indústria madeireira, o que reduziu ao mínimo sua existência. A sobrevivência da canela preta encontra espaço em algumas reservas espalhadas principalmente por Santa Catarina. Dentro do estado, uma das maiores reservas desta nobre árvore é localizada em Botuverá.

Com a devida autorização do Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA), bem como acompanhamento de Renato Totti Maia, chefe da reserva do IMA, a reportagem teve acesso ao local. O local está disponível somente a pesquisadores ou para produção de conteúdo gere material relevante para educação ambiental.

Para encontrar algumas das canelas-pretas presentes em Botuverá, exige-se esforço. A reportagem realizou o trajeto de ida e volta em duas horas e meia. O dia estava chuvoso, e além da longa caminhada, a partir da metade do caminho a trilha, raras vezes realizada, foi engolida pela mata. É preciso persistência e força para caminhar em um território no qual o mato chega praticamente até os joelhos.

A ideia da reserva surgiu ainda nos anos 1970, com o padre Raulino Reitz. Ele foi responsável pela idealização de diversos projetos de preservação ao longo do estado, como o Parque Estadual do Tabuleiro.

Além de ser importante para a preservação da árvore em extinção, a reserva é fundamental para a conservação das águas. “É o divisor de águas entre a bacia do rio Itajaí-Mirim e a bacia do rio Tijucas. Acaba alimentando de água cidades importantes como Itajaí, Brusque e Tijucas”, explica Renato.

IMAGEM: Paisagem cercada por natureza. Ao centro há um homem de costas, vestindo blusa branca, calça cinza e carregando uma mochila verde.

Acesso à reserva

Acessamos a reserva por meio da Fazenda Alegre. Para chegar até lá foram 7 quilômetros de subida com o carro. Após ultrapassar os limites da fazenda, passamos por uma cerca e demos início à longa jornada. Começou, a partir daí, um encontro espetacular com belezas naturais.

A caminhada até a entrada da reserva dura em torno de 40 minutos, e em cada momento é possível ficar mais deslumbrado com a paisagem. Um largo vale é percorrido, e o caminho fica em um morro. Diferente das trilhas tradicionais, essa passagem é aberta,

com mato raso. Do lado esquerdo, mais abaixo do caminho, um fino rio serpenteia a região. Surpreende pensar que aquele filete de curso de água irá desembocar na impressionante Cachoeira do Arco-Íris.

A flora é deslumbrante. Na medida que se avança, é possível sentir odores de diferentes árvores e flores distribuídas em meio à mata. Cheiros jamais encontrados em meio à vida urbana penetram no olfato dos visitantes. Pelo chão, alguns cogumelos se abrem e mostram as copas coloridas. Até araucárias, não tão comuns na região, crescem em meio ao local.

Claro que a fauna também não deixaria por menos. Encontramos aves tradicionais da nossa região, como o quero-quero, mas também algumas mais difíceis de serem vistas pelo Vale do Itajaí, como as curucacas, mais encontradas na Serra Catarinense. Fizemos um balé nas alturas, em dupla, quando passamos pelas aves.

Pelo caminho tivemos que fazer silêncio em dois trechos específicos. Abelhas zanzavam próximas, mas ignoraram nossa peregrinação. Logo chegamos à entrada da reserva, um pequeno portal formado por árvores em meio à mata fechada.

Encontro com a canela-preta

O dia era chuvoso e nublado, ampliando a ideia de escuridão dentro da selva. Atenção e cuidado foram exigidos aos visitantes. É preciso agachar, se recolher, pular os galhos. O silêncio no local surpreende, quebrado somente pelo som de aves e animais silvestres, principalmente na copa das árvores.

Como não poderia deixar de ser, mais cursos de água foram encontrados. Tentar pular nas pedras é em vão, e eventualmente o pé acaba afundado dentro do riacho. O objetivo da expedição era buscar um exemplar de canela-preta, de preferência histórico, para exibir.

As principais árvores estavam no topo de um morro. Foi o ponto de maior dificuldade. Não só era íngreme, mas principalmente não existia mais trilha ali. Como fazia muito tempo que ninguém passava pelo lugar, mato, galhos e raízes tomaram conta da subida. Foi uma tarefa hercúlea encontrar a quase extinta árvore, até que enfim a encontramos, exuberante em meio às demais.

IMAGEM: Árvore canela-preta. O tronco da árvore está com líquens vermelhos. Na parte superior há galhos e folhas verdes. Cipós finos estão pendurados na árvore.

Importância da reserva

O exemplar conservado já conta com mais de 100 anos de existência. É um marco para a história do município de Botuverá, bem como toda a região. Ter a possibilidade de encontrar com a árvore ainda em excelente estado de conservação é um dos motivos da existência da reserva. Mas não é apenas isso.

A Reserva Biológica Estadual da Canela Preta é a terceira Unidade de Conservação mais antiga do Vale do Itajaí e da Mata Atlântica do estado de Santa Catarina. Foi fundada em 20 de junho de 1980. Com área de 1.899 hectares, estende-se pelos municípios de Botuverá e Nova Trento.

Além de ser coberto pela Floresta Atlântica, pesquisadores encontraram mais de 70

espécies diferentes de árvores em um único hectare, com destaque para o palmito juçara e exemplares de bromélias e orquídeas. As pesquisas científicas também apontaram mais de 170 espécies de aves, como o ameaçado sabiá-cica e o endêmico trepador-de-coleira.

Conforme explica Renato, contar com uma reserva biológica da proporção da canela-preta é patrimônio de valor imensurável para Botuverá. “É um ambiente que proporciona excelente qualidade de água e excelente qualidade de ar aos botuveraenses. Preserva recursos históricos. Temos aqui grande diversidade de pássaros. A comunidade cresce habituada com isto, eles têm a sabedoria popular com relação aos atrativos da floresta”.

A reserva é uma das categorias constantes do sistema nacional de unidades de conservação, sendo a mais restrita de todas. Não é permitido uso público ou retirada de espécies da fauna ou da flora.

Floresta dos Xaxins

Fortaleza desconhecida

Área dentro da Reserva Biológica Estadual da Canela Preta é tomada pela árvore nativa

Em um longínquo e remoto lugar em meio à imensidão de mata nativa pertencente à Reserva Biológica da Canela Preta, resistem milhares de xaxins. Árvores peculiares pelo tronco com cor marrom avermelhada, os xaxins estão em extinção em alguns estados brasileiros.

Chegar até a floresta de xaxins não é tarefa fácil. Requer cerca de uma hora de caminhada dentro da mata, que em partes está mais aberta e em outras bastante fechada. Além disso, é preciso conhecimento. Somente alguns antigos moradores da cidade, acostumados com a vida no campo, têm a localização exata do território das árvores. A região também pertence à família Maestri, bem como parte da Cachoeira do Bégo.

A localidade em que as plantas estão é imensa. Os xaxins estão dispostos a se perder de vista: um do lado do outro, alguns crescendo em cima dos demais. Os tamanhos imponentes, inclusive, demonstram a importância e a raridade da localidade. Para que se tenha uma ideia, leva 100 anos para que um xaxim cresça um metro. Em Botuverá, o ponto onde estão os xaxins ficou conhecido como Poço da Anta, pois havia de fato um buraco onde o animal nativo da localidade era morto pelos moradores locais.

Após anos de retirada do xaxim para ornamentos de jardinagem, inclusive a produção de vasos, a planta é uma das ameaçadas de extinção. Atualmente, sua extração é proibida no Brasil.

Começo da jornada

A caminhada inicia perto do mesmo ponto em que é realizada a trilha rumo à Cachoeira do Bégo, ficando também no bairro Ribeirão Porto Franco. Contudo, os caminhantes precisam subir em um caminho estreito – usado principalmente por motocicletas – próximo a uma curva.

Quem nos levou até a floresta de xaxins foi Marcos Pavesi. Ele conhece exatamente o local onde ficavam os xaxins porque, décadas atrás, trabalhou ali na extração de madeira. Hoje atividade terminantemente proibida, principalmente depois da instalação da reserva, o corte de árvores nativas na região era bastante comum.

Segundo ele, o trabalho era árduo. “Não tinha como levar em veículos, era no cavalo. Um cavalo levava só uma tora. Pra levar duas, a gente precisava de quatro cavalos”. Pavesi lembra que eles encontravam frequentemente os xaxins, porque ficavam próximos dos barracões instalados nas redondezas.

Como em quase todas as trilhas, o caminho aos xaxins começa em um elevado, e há um bom tempo de subida. Em dias úmidos ou após período de chuvas, a formação de barro

e lama dificulta a caminhada. Patinar, escorregar e até cair é comum. Durante a subida, ouve-se o barulho da Cachoeira do Bégo, poucos metros à esquerda dos caminhantes.

Após a subida, o terreno fica mais plano. A maior parte do trajeto está limpa, mas é preciso cuidado com árvores que atravessam o caminho. Na mata fechada, os sons dos pássaros se multiplicam. Quanto mais dentro da selva, mais grupos de aves raras se juntam nas copas das árvores para realizar uma verdadeira sinfonia da natureza.

Encontro com os xaxins

O encontro com os primeiros xaxins foi possível apenas com o conhecimento de Marcos. Um grupo de cerca de oito árvores estavam no meio da mata sem trilha, em um lugar que seria impossível identificar sem alguém que conhecesse as redondezas.

IMAGEM: Paisagem com árvores do tipo xaxim. Há mato verde ao redor. As árvores são iluminadas pelo sol na parte superior.

Interessados em conhecer lugares com mais destas árvores, seguimos procurando um local onde pudesse haver xaxim em abundância. Foi atravessando um rio próximo que encontramos uma verdadeira fortaleza da árvore avermelhada. Algumas delas possuíam cerca de cinco metros. “Eu nunca tinha vindo aqui. É incrível”, assume Pavesi.

O impressionante é notar que não há mais nenhum outro tipo de árvore na localidade, apenas os xaxins, crescendo e se desenvolvendo por centenas de anos. Exuberantes e desconhecidas, as árvores cor de vinho são uma beleza restrita e preservada no coração da mata. Gigantes, os xaxins são alguns dos mistérios da rica fauna botuveraense.

Fazenda Alegre

Riqueza preservada

Localidade guarda tesouros naturais e recursos fundamentais para a vida na região

Se a alegria está atrelada à simplicidade e ao convívio em harmonia com a natureza, não poderia ter sido escolhido nome melhor para um pedaço de terra localizado no bairro Ourinhos. A Fazenda Alegre é uma fortaleza de recursos naturais, rica em água, fauna e em flora.

Sua história também é farta. Décadas atrás, o local, que pertencia à família Smaniotto, realizava a Festa do Búfalo, onde eram encontrados os animais. Atualmente ainda mora no local o casal Irineu e Clarete Smaniotto, produtores de mel que são incumbidos de manter a fazenda em ótimo estado de conservação.

Mensurar a importância da localidade para a vida na região é uma tarefa difícil. A conservação do ambiente é fundamental para a preservação de recursos hídricos que abastecem municípios como Botuverá, Brusque, Itajaí e até mesmo Tijucas. Além disso, espécies de aves raras também encontram um ambiente propício para a sobrevivência na localidade.

A fazenda tem uma função importantíssima para a preservação do ecossistema botuveraense: é o portal de entrada para a Reserva Biológica Estadual da Canela Preta. Ou seja, os responsáveis pelo local são guardiões da reserva, e inclusive colaboram afastando a presença de caçadores e desativando armadilhas espalhadas pelo território.

IMAGEM: Campo com capim verde no primeiro plano. Uma porteira de madeira está no meio da foto. Árvores estão ao fundo.

Festa do búfalo

Tradição antiga realizada na Fazenda Alegre, a Festa do Búfalo já foi encerrada há quase duas décadas. Contudo, faz parte da história de Botuverá. No período em que pertencia aos Smaniotto, o local era sede do evento que levava centenas de botuveraenses para a fazenda.

Irineu era um dos organizadores das festividades. Ele explica que era uma festa familiar, e recebia este nome por causa da presença do animal na fazenda e de sua carne no evento. “Era carne boa de comer, e tinha bastante na fazenda. O pessoal vinha, acampava, tocava música e passava a noite aqui. Fazíamos fogueiras também”.

Com o tempo, o animal parou de ser criado no local, e a festa teve um ponto final, mas não sem deixar saudades em Irineu. “Era uma grande comunhão de amigos da cidade, todos de Botuverá se encontravam aqui. No tempo que durou foi bom e bastante animado”.

Cachoeira do Arco-Íris

A descida para a cachoeira é localizada antes de cruzar o portal para a Fazenda Alegre. Uma estruturada escada de metal dá início a jornada, mas logo em seguida acaba a vida fácil do visitante, que precisa seguir o caminho pela mata. São apenas 150 metros até chegar ao pé da cachoeira, mas o barranco íngreme e escorregadio que é preciso descer para alcançar o destino alonga a caminhada.

IMAGEM: Cachoeira ao centro cercada por plantas verdes. Ao centro há um riacho de água marrom-esverdeada com pedras marrons.

Em dias chuvosos, o trajeto fica perigoso. É um declive longo, e em alguns momentos o barranco desliza. No meio do caminho há um ponto em que o mato é aberto e serve como um mirante. Dali dá para ter uma ideia da dimensão e da beleza da cachoeira. A força e o fluxo da água geram um barulho estrondoso, e é difícil conversar perto da queda d'água.

Seguindo a descida, poucos metros abaixo é possível chegar ao pé da cachoeira. É impossível chegar até ali e não ter vontade de se banhar na água pura e cristalina. Rochas em meio a água corrente ficam solitárias a contemplar o som forte e manifesto da Cachoeira do Arco-Íris, que recebe este nome porque, em dias de sol, é possível ver a formação colorida do fenômeno, quando a água rebate os raios solares.

Travessia dos Lageados

Atravessando gerações

Trilha entre Guabiruba e Botuverá conta história da imigração italiana

Longe dos estruturados portais e das rodovias que levam diariamente a população de uma cidade para outra, há uma forma rústica e aventureira de atravessar os municípios de Guabiruba e Botuverá. A Travessia dos Lageados é uma trilha em meio à mata, que liga o bairro Lageado Alto, em Guabiruba, até a localidade de Lageado Baixo, em Botuverá.

A travessia dos lageados foi descoberta de maneira pioneira por imigrantes italianos que chegaram ao Brasil entre o fim do século 19 e início do século 20. Para prosperarem na nova terra, precisaram encontrar e desbravar caminhos em meio a até então pouco explorada região, buscando o sustento e a sobrevivência em meio à natureza selvagem.

Como forma de manter e fortalecer a tradição, algumas famílias descendentes de italianos ainda realizam o caminho de maneira frequente, colaborando também com a manutenção da trilha, como a limpeza do excesso de mato no caminho – o que poderia acarretar no desaparecimento da trilha. Com o passar do tempo e o desenvolvimento do esporte de aventura, passou a chamar a atenção também dos apaixonados pela adrenalina em meio à natureza.

Como não poderia deixar de ser, aqueles que se aventuram a conhecer essa forma pouco convencional de ultrapassar os limites entre as duas cidades são presenteados pela natureza preservada. São árvores raras, um espetáculo de fauna e flora e o encontro com diversos riachos, cachoeiras e rios que cruzam o caminho dos trilheiros.

A duração da caminhada gira em torno de três horas. Durante a expedição, a reportagem concluiu em cronometradas 2h47. Para realizar a caminhada é necessário, antes de tudo, autorização do Instituto do Meio Ambiente (IMA), porque o local cruza o preservado Parque Nacional da Serra do Itajaí.

Além disso, é fundamental que o trilheiro vá acompanhado de um guia que conheça o trajeto. Há várias bifurcações que encaminham para outras trilhas, e perder-se no meio do caminho é fácil para os mais desatentos. Água e alimentação são essenciais, porque as horas de caminhada vão exigir vigor físico e energia aos participantes.

Começo da caminhada

A expedição iniciou em Guabiruba, com destino a Botuverá. Depois de subir com auxílio de veículo até uma boa parte do Lageado Alto, chegamos à bifurcação que levava para o começo da trilha, e a partir daí apenas a pé poderíamos seguir. Na entrada, uma placa nada convidativa: perigo de morte. Um recado importante para chamar mais atenção de quem opta por realizar a caminhada.

IMAGEM: Trilha ao centro rodeada por plantas verdes.

No começo o terreno rochoso e plano faz a trilha lembrar uma pequena estrada, embora bastante estreita. As podas das árvores laterais de um lado e do outro também colaboram com a impressão de que a caminhada será tranquila. Contudo, com o passar do trajeto, a natureza vai tomando conta do que lhe pertence e dificultando o acesso aos visitantes.

Em pouco tempo, as pedras dão lugar à lama e ao mato. As árvores vão fechando suas copas nas alturas, escurecendo o caminho. Quando o sol encontra algumas brechas, o cenário é bonito: feixes de luz que vão tracejando listras no solo. Um dos perigos da trilha é sua umidade: a pouca incidência de sol mantém as pedras lisas e escorregadias, e todo cuidado é pouco para não cair e se machucar.

Somente alguns minutos depois de entrar na trilha, já não se ouve mais manifestações da vida urbana. Silêncio total, quebrado somente às vezes pelo gorjeio de aves raras e o som de animais silvestres a correr pela mata.

Subida íngreme

No primeiro encontro com um curso de água cristalina no caminho, há uma pegadinha para os desatentos – que a expedição, por pouco, não caiu. Atravessando reto o riacho, há uma trilha limpa que segue para outro caminho. Mas para chegar a Botuverá, é preciso margear a água corrente pela direita e, alguns metros depois, entrar por outro caminho.

IMAGEM: Riacho de água transparente com pedras cobertas de musgo. Há vegetação nos arredores. Um homem vestindo blusa e calça azul-acinzentada está de costas, carregando uma mochila verde. Ele está parado em cima de uma pedra. À frente dele há um homem, vestindo blusa camuflada e calça cinza, caminhando no riacho. Ele está com os braços abertos para se equilibrar. Um terceiro homem está aos fundos da cena. Ele carrega uma mochila e está olhando para o riacho.

Há pelo menos quatro encontros com água corrente em que é necessário atravessar. É praticamente impossível manter os pés secos e, em algum momento, o trilheiro vai ter que colocar o pé na água. É importante usar calçados impermeáveis ou botas.

Alguns trechos à frente é dado início a uma subida, que vai se tornando cada vez mais íngreme. Ao lado esquerdo é possível ver um peral muito alto, enquanto o trecho para caminhar é estreito, o que requer uma atenção redobrada.

Quanto mais se sobe, mais a temperatura baixa. O frio em meio a trilha é uma realidade, e a altitude que se atinge é de mais de 600 metros acima do nível do mar. O suor gelado pode ser um perigo para quem faz essa caminhada, e é importante levar toalha e outra camiseta.

Após cerca de 40 minutos de subida, chegamos à parte mais alta e plana, onde podemos parar para descansar sentados nas pedras, além de lanchar e hidratar.

Descida e chegada

A partir dali, começa uma descida, não tão íngreme, mas longa. A sensação é de que o pior da trilha já passou. É tempo de contemplar as maravilhas da natureza. Belos eucaliptos e outros tipos de árvores contemplam o caminho. Em alguns pontos é preciso encontrar suporte nos galhos ou troncos das árvores, para descer os barrancos e dar

continuidade à trilha.

Em determinado ponto da expedição, nosso caminho cruzou com o de um caçador. Prática proibida, que degrada o meio-ambiente – além de buscar caças de animais silvestres, o caçador também abriu caminho arrebatando árvores com facão -, o que ainda é comum em Botuverá. Munido de uma espingarda, o homem baixou a arma e cumprimentou o grupo estranho que passava.

Continuando nosso caminho, chegamos a um ponto de mata aberta. A luz do sol chega a incomodar no começo, já que as pupilas se acostumam com a falta de claridade. No meio do caminho, encontramos árvores peculiares. A primeira é uma sangue-de-dragão. Quando é cortada, solta uma resina vermelha que lembra o sangue. Contudo, bastante machucada pelos cortes das facas, a árvore perece em meio à travessia.

Outra árvore que chamou a atenção foi um eucalipto enorme e de tronco grosso. É preciso esticar o pescoço pra enxergar o fim da árvore, embelezando o passeio em cima de um barranco. Mas o melhor ainda estava por vir aos aventureiros que resistiram as quase três horas de caminhada.

Ao chegar no Lageado Baixo, em Botuverá, passamos pelas terras da família Foppa. Lá encontramos uma bela cachoeira, de cerca de 30 metros de altura. Como um presente que a natureza dá àqueles que ousam desbravar a densa e exigente trilha, lá estava a queda de água a ser admirada e contemplada pelos visitantes.

Trilha das Minas Abandonadas

Caminho de ouro

Utilizado por trilheiros e ciclistas, trajeto leva até local de antiga extração de minérios e faz travessia para Guabiruba

Botuverá e Guabiruba possuem uma preciosa ligação. A Trilha das Minas Abandonadas, que é um elo entre os municípios e pode ser feita a pé ou de bicicleta, é a comprovação natural da riqueza da região. O caminho leva até três grutas, abertas por antigos mineradores na base da picareta, em busca de ouro e outras pedras preciosas.

As expedições não geraram nenhum resultado. Embora o ouro existisse em pequena quantidade em meio às pedras, o trabalho necessário para separar o mineral precioso do restante das rochas não valia o investimento. Muitas pessoas e empresas perderam tempo e dinheiro na localidade.

IMAGEM: Rio de água azul-esverdeada com pedras cinzas no leito. Ao fundo há árvores, um gramado, casas e atrás mais árvores. A parte superior mostra o céu azul com poucas nuvens.

Mas se ninguém ficou rico com a extração de ouro, ao menos o remoto local em meio à selva tornou-se de conhecimento geral na região. Já há alguns anos o trajeto é utilizado por aventureiros, trilheiros e adeptos do mountain-bike, interessados em explorar a natureza selvagem.

Envolvendo história, biodiversidade e o diferencial do passeio por dentro das minas, a trilha é um chamariz também para os fascinados pelo passado. O caminho comprova que Botuverá tem uma diversidade não apenas em termos de fauna e flora, mas também em minerais preciosos, bem como rios, nascentes e cachoeiras.

Embora tenha fácil acesso a pé, para visitar o local a pé é necessária a presença de um guia, principalmente no momento do acesso às minas, além de ser exigido um mínimo de preparo físico pela caminhada. Dentro das minas o equipamento obrigatório é o capacete, uma vez que há rochas baixas e os visitantes podem bater com a cabeça.

Pedalando pela trilha

Thomas Gums já realizou o trajeto de bicicleta. Com um grupo de amigos que sempre faz este tipo de atividade, o Brusbikers, ele afirma que o que mais chama a atenção é estar envolto a um meio ambiente altamente preservado.

IMAGEM: Três homens vestindo roupas de ginástica e capacete esportivo estão ao centro da foto. Eles estão em uma gruta. No chão há pedras e ao fundo há vegetação.

“É uma travessia, e você fica entre dois municípios em meio à natureza. Os aromas que você sente, o ar que a gente respira, tudo isso é surpreendente. É muita beleza natural, com pássaros e nascentes de água pelo caminho”.

O grupo começou a travessia por Botuverá, pelo bairro Pedras Grandes, próximo à entrada da cidade. Seguiram em uma subida íngreme e difícil de ser concluída. “Tem que ter perna, principalmente para chegar no topo da Serrinha. Aí segue em descidas e subidas, passa pelo Rio da Cristalina e depois pega mais uma subida em direção à mina”.

Conforme explica Gums, é preciso ter bons equipamentos para fazer o trajeto com a bicicleta. O grupo usou bikes específicas para a realização de cross country e mountain-bike. Os pneus precisam estar em dia, caso o trajeto esteja molhado.

Chegando nas minas, o grupo encontrou, inclusive, outros trilheiros que faziam o trajeto contrário, de Guabiruba a Botuverá a pé. “Foi um susto, porque estávamos no meio da mata, no nada, e de repente encontramos esse pessoal caminhando”. Já nas minas, os ciclistas aproveitaram para conhecer o lugar histórico. “Encontramos muitos morcegos por lá. Ouro não”, brinca Thomas.

Em seguida, o Brusbikers seguiu o trajeto. Começa a chegada ao Rio do Braço, que anuncia a proximidade com o bairro Lageado Alto, em Guabiruba. Quando chega à Igreja Imaculada Conceição, já na Estrada da Mineração, é o fim do trajeto para o corajoso grupo de ciclistas.

Travessia ao Faxinal do Bepe

Intensidade em meio à mata

Trilha redescoberta que liga Botuverá a Indaial exige dois dias de caminhada e revela natureza selvagem

Nos tempos da colonização dos imigrantes do Vale do Itajaí, entre os séculos 19 e 20, os antigos moradores da região exploraram e formaram novos caminhos em meio a mata. Os objetivos eram tanto para conhecer novos ambientes onde pudessem viver quanto para realizar tarefas fundamentais da agricultura, e assim manter a subsistência em uma época de muito trabalho e poucos recursos.

Muitas destas trilhas abertas em meio à mata, contudo, ficaram por um bom tempo desconhecidas após a urbanização e reorganização das cidades. Recentemente, um grupo de trilheiros que faz parte da Associação de Ecoturismo, Preservação e Aventura do Vale do Itajaí (Assepavi) redescobriu um caminho utilizado muito provavelmente para extração de madeira nas proximidades do Faxinal do Bepe, em Indaial, enquanto visitavam o local para outro trabalho.

Utilizando facão e outras ferramentas para reabrir o caminho, e decididos a descobrir até onde a trilha levaria, o grupo descobriu, após dois dias de caminhada – e inclusive acampando na beira da trilha – que poderiam chegar até Botuverá. E assim ajudaram a resgatar a história e definir uma nova opção de aventura na mata fechada.

Para fazer a caminhada é preciso ter um mínimo de resistência física. São aproximadamente 48 horas de trajeto, totalizando cerca de 58 quilômetros. A altitude é considerável, já que na chegada do Faxinal são 700 metros acima do nível do mar, mas ao longo da caminhada chega-se a cerca de 890 metros de altitude. No trecho final, são cerca de três horas somente de descida. A trilha passa pelo Parque Nacional da Serra do Itajaí e é, portanto, um espaço de preservação permanente.

IMAGEM: Casa de madeira branca, com telhas de fibrocimento. Há uma cruz no telhado. Há floresta aos fundos. O céu está azul, com presença de nuvens.

Primeira visita

Empolgados com a aventura de conhecer um novo caminho em meio a mata, um grupo de cerca de nove pessoas subiu o Faxinal do Bepe em uma Combi. O destino final era a Fazenda Recanto Feliz, uma área verde destinada ao lazer e à prática de esportes em contato com a natureza, localizada em Botuverá.

Um dos líderes da expedição foi Ivan Pedro Rodermeil Fischer. O guabirubense, acostumado com trilhas, explica que este foi um dos lugares em que mais conseguiu entrar em contato com a natureza selvagem. “É intocável. Você encontra com animais exóticos e com parte da fauna nativa da nossa região. Em vários momentos você não

ouve nada da vida urbana, fica tudo em silêncio ou com o barulho das águas nos riachos, dos pássaros e outros animais”.

Pelo caminho, Fischer relata que também encontrou estruturas construídas pelos antepassados. “É possível encontrar construções, pontes antigas, porteiras, portões e ruínas de casas. Algumas das casas pegaram fogo, mas sobrou parte da estrutura que pode ser identificada”. Somente no primeiro dia foram caminhados cerca de 20 quilômetros.

Desde então, Fischer já fez mais vezes o trajeto. Em algumas destas oportunidades encontrou-se com vestígios de animais silvestres. “A gente encontrou bastante marca de cateto, ou porco-do-mato. Também vimos pegadas de onça e fezes de outros felinos”. Conforme explica o trilheiro, é importante levar para a trilha bons equipamentos para camping, levando em consideração a possibilidade de chuva e frio devido a altitude.

Para Ivan, a travessia de Indaial para Botuverá por meio do Faxinal do Bepe, apesar de exigir resistência e intensidade, é uma das mais interessantes da região. “Vale bastante a pena, até por ela ser dentro da mata fechada. Não escuta cidade, e nem mesmo vê a cidade nos picos dos morros. É ainda mais bonito quando começa a cair o sol”.

IMAGEM: Periquito-verde empoleirado em um tronco. Ele está olhando para o lado direito. Ao fundo, céu branco com folhas verdes finas atrás do pássaro.

Cuidados na trilha

Também experiente em expedições na mata, Guinter Schmid fez parte do grupo que resgatou a travessia de Indaial para Botuverá. Conforme explica, alguns cuidados são importantes para realizar uma caminhada desta envergadura, principalmente por passar pela mata fechada, com a possibilidade de encontrar animais peçonhentos e insetos transmissores de doenças. “Primeiro é importante estar com as vacinas em dia, principalmente a da febre amarela, que vem com força na nossa região”.

Outro item primordial são as perneiras, um tecido feito geralmente de couro que é usado na parte das canelas para proteger de ataques de cobra. A jararacuçu é uma das mais encontradas na região. “Uma vez estando ali dentro da travessia não tem como chamar resgate. Não tem área para celular ou acesso à comunicação”. Os trilheiros mais experientes utilizam um equipamento conhecido como Spot, que consegue emitir sinal via rádio quando há situação de perigo.

Trilha dos 100

Preferida dos ciclistas

Caminho entre Botuverá e Nova Trento é frequentemente utilizado para cicloturismo

A Trilha dos 100 é uma verdadeira imersão em meio à natureza. Começando no bairro Ribeirão Porto Franco e cortando um pedaço da Reserva Biológica Estadual da Canela Preta, o trajeto é um dos preferidos pelos grupos de ciclistas da região por ser uma travessia. A via liga Botuverá a Nova Trento, chegando na terra da Madre Paulina pela localidade conhecida como Serraval.

Por ser um caminho denso, longo e em meio à mata nativa, o principal meio de transporte utilizado para atravessar a localidade é a bicicleta. Uma vez utilizada também por motos e jipes, atualmente não é permitido que estes veículos passem pelo trajeto, porque vêm deteriorando o local. A bike, portanto, virou a alternativa mais viável para a travessia.

A trilha foi denominada assim pelos próprios ciclistas, pela quilometragem total (100 km) de um circuito que inicia e termina em Brusque, mas passa também por Botuverá e Nova Trento. Ela é particular, e pertence à família Vicentini.

IMAGEM: Riacho com água límpida e pedras pequenas em primeiro plano. Aos fundos há uma trilha. Nos arredores do riacho há plantas e árvores.

Mata fechada

Feita mais recentemente no último mês por grupos de ciclistas, a Trilha dos 100 já esteve em melhores condições. Atualmente, não recebe mais manutenção e o caminho vem ficando mais fechado. Mesmo assim os ciclistas encaram a imensidão de árvores, galhos e mato que cruza seus caminhos.

Alexandre de Miranda é um dos aventureiros que aprovou o trajeto. Ele diz que foi uma indicação de outros ciclistas que conheciam a região. Aos poucos, foram explorando o lugar, sem muito conhecimento no começo. Eles foram responsáveis por praticamente redescobrir o caminho, e atualmente são um dos únicos a permanecer realizando a trilha.

Também há história no trajeto. Localizado perto da Trilha do Bégo e da Floresta dos Xaxins. “O caminho é bem antigo, e foi feito para a extração de madeira. No meio do mato nós encontramos uma placa, que indicava a reserva da Canela Preta”.

Fauna diversificada

Como não poderia deixar de ser, o chamariz da trilha, além da mata, é a fauna. Pássaros diversificados e os aromas que só são sentidos em meio à natureza são os incentivos para que os ciclistas, que encaram quilômetros – muitas vezes de subidas pesadas – sigam até o destino final. “Um dos pássaros que mais marcou na memória foi a Araponga, pelo

seu grito estridente”. O pássaro está em extinção e também é conhecido como Ferreiro, por que seu grunhido lembra o som da marreta batendo na bigorna.

Segundo afirma Miranda, o lugar tem tudo o que um cicloturista precisa para desfrutar. “É bem bonita e a natureza está bastante preservada. A própria subida dessa estrada é um espetáculo à parte, contando com cerca de cinco ou seis casas pelo caminho. É uma mata que você percebe ser nativa, sem mais eucaliptos. Ninguém mexe mais”.

Thomas Gums também fez o mesmo trajeto. Segundo ele, embora a mata esteja fechada, em dias secos é possível realizar o trajeto. “Em dias úmidos fica mais complicado, porque ali não pega sol. Fica um pântano, a roda afunda, fica praticamente impossível de fazer. Mas com o solo menos encharcado dá pra fazer tranquilo”.

IMAGEM: Homem branco, usando roupa de ginástica e capacete esportivo, pedala em uma bicicleta verde. Ele está passando por um riacho límpido e com pedras pequenas. Aos fundos há plantas e árvores.

Trilha do Graff

Explorando em quatro rodas

Trajetos na entrada de Botuverá é um dos preferidos por motoristas de jipes, quadriciclos e UTVs

Os verdes caminhos em meio à mata atlântica e nativa de Botuverá estão dispostos para os mais distintos grupos de aventureiros. Há quem goste de desafiar os limites do próprio corpo, realizando os trajetos a pé ou de bicicleta. Mas também há os fãs de adrenalina, que cortam as trilhas com motocicletas, quadriciclos, jipes ou UTVs.

Para os que amam a velocidade, a Trilha do Graff é quase sempre o destino. Estruturado com uma larga pista, e repleto dos desafios preferidos pelos motoristas – lama, barro e poeira -, o trajeto passa dentro da mata, e os visitantes ficam deslumbrados com as árvores nativas, os animais silvestres e os pássaros encontrados pelo caminho, chegando a um destino que não poderia ser mais belo: o rio da Cristalina.

Com o passar dos anos, a trilha vem se tornando cada vez mais reconhecida. Grupos de jipeiros de outros estados brasileiros, como São Paulo e Rio Grande do Sul, vêm para Botuverá para passar pela Trilha do Graff. O caminho tem cerca de 10 quilômetros, e é feito em cerca de meia hora pelos visitantes.

Além de grupos de jipeiros, que não possuem grandes desafios em um trajeto razoavelmente simples, a trilha também é bastante frequentada por ciclistas, que enfrentam um caminho de dificuldade média. As mountain-bikes são as mais presentes entre aqueles que decidem pedalar pelo Graff.

A trilha tem este nome porque passa pelas propriedades que pertenceram ao senhor Valmor Graff. Ele faleceu em 2014, em um lago dentro de suas terras.

IMAGEM: Dois homens com capacete passam por um rio em um quadriciclo coberto de lama marrom. A água espirra ao redor do veículo. Aos fundos há um bambuzal e mais árvores com folhas verdes.

Desenvolvimento da trilha

Há cerca de 25 anos, Sandro Barg passeava pelo local de motocicleta. Conforme explica, a trilha era bastante densa, nem perto do que é hoje. “Era muito estreitinha. Você só passava a pé ou de moto. Com o tempo, o pessoal foi abrindo para poder passar com automóveis, e hoje é quase uma estrada por lá. Se for um veículo simples com tração traseira consegue passar tranquilo”.

Conforme explica Barg, que também é guia na localidade, o ponto de maior sucesso no trajeto é o rio da Cristalina. “Quando chega lá, eles ficam encantados. Geralmente é feito um almoço no lugar, o pessoal aproveita para tomar um banho, ouvir a natureza. O pessoal fica deslumbrado”. O guia leva, mensalmente, grupos de pessoas que gostam de

trilhas na natureza. Os destinos são o Graff, além de outras trilhas em Guabiruba e São João Batista.

Automóveis preparados para a adaptação em terrenos desnivelados e repletos de barro, os quadriciclos e UTVs têm sido o maior foco para a visita no Graff. “São fáceis de dirigir. Até os mais inexperientes conseguem, mas é claro que são dadas instruções”. A potência e a estrutura dos veículos fazem o difícil se tornar fácil, principalmente os UTVs que engolem a estrada disforme como se fosse uma avenida.

O Graff também é mais uma travessia para Guabiruba. Contudo, no grupo acompanhado por Barg, não chega-se a atravessar, e o trajeto é realizado em ida e volta. Como a trilha já se tornou uma estrada de uso frequente, não é necessário pedir autorização para acesso. O caminho começa a partir de uma localidade próxima ao Pesque e Pague Lagoa da Passarela. Em Guabiruba, termina na rua Gilmar Pollheim.

Recanto Feliz

Natureza em abundância

Com 140 metros de altura, queda é a maior da região e fica próximo à pousada

Com cerca de 970 hectares – ou o tamanho de 1.047 campos de futebol de dimensões oficiais – as terras da pousada Recanto Feliz são colossais. A maior parte deste terreno é constituída de mata nativa, colaborando com as estatísticas de preservação do município de Botuverá.

Não bastasse o alto volume de mata atlântica intocada, o Recanto Feliz conta ainda com a maior cachoeira da região de Brusque. São 140 metros de altura, dividida em várias quedas. Apenas uma das quedas de água conta com 75 metros. A cachoeira é uma das mais procuradas de Botuverá, principalmente no verão.

O local esbanja riquezas. Um fino curso de água atravessa a parte da pousada, fazendo com que fique aconchegante e convidativo para uma caminhada. Há também piscinas naturais, banhadas pela água cristalina que partem da cachoeira para levarem vida para as cidades da região.

IMAGEM: Cachoeira com água escorrendo em pedras cinzas. Ao redor há vegetação.

Se em Botuverá a matéria-prima em maior abundância são os recursos naturais, preservar pode ser um bom negócio. Foi desta forma que os administradores da pousada conciliaram o cuidado com o meio-ambiente e uma maneira sustentável de empreender.

Apostando em chalés e um restaurante construídos com madeira, que ajudam a compor o cenário bucólico de vida no campo, a família Pavesi aproveitou a beleza de um vale no bairro Lageado para investir. Atualmente registra reservas todos os fins de semana, com lotação total em muitas ocasiões durante todo o ano.

História da pousada

Há cerca de 18 anos, a família Pavesi, dona das terras, decidiu fazer ali um local para festas e eventos. Contudo, logo após a primeira festa a ideia foi abortada. A poluição – seja sonora, visual ou mesmo de lixo propriamente dito – comprovou que não seria uma boa ideia.

Amadureceu, portanto, a ideia de uma pousada, com chalés distribuídos para que as famílias pudessem passar o fim de semana. Álvaro Bueno é hoje um dos administradores, e explica que o público que frequenta busca paz e tranquilidade. “O pessoal se encanta logo na chegada. É algo diferente, um vale com beleza local e belas vistas. Eles procuram tranquilidade, estar em contato com a natureza”.

Desta forma, o Recanto Feliz se tornou um dos locais mais estruturados para o ecoturismo da região. Diferente da maioria dos pontos, em que há muito o que se explorar e um potencial a ser descoberto, lá é possível desfrutar da riqueza do ecossistema regional com acesso fácil, segurança e conforto. Conforme explica Bueno, nenhum acidente foi registrado no local.

IMAGEM: Lagoa em primeiro plano. Na parte superior da foto há folhas verdes. Aos fundos há dois chalés de madeira. No lado esquerdo há um morro com grama.

Atualmente, a pousada Recanto Feliz conta com 11 chalés, com capacidade total para receber 110 pessoas. As reservas são feitas para a chegada na sexta-feira, com saída no domingo. “O chalé atende desde casais até grupos com 24 pessoas”, explica Álvaro.

Além da pousada, o local recebe visitantes ocasionais que estejam apenas de passagem. Aos que almoçam no restaurante que conta com tudo o que a culinária caseira e típica de Botuverá pode oferecer, a entrada é gratuita. Quem não fica para almoçar paga uma taxa simbólica de visitação e manutenção do ambiente.

Cachoeira do Bégo

Força das águas

Rodeada de grande variedade de fauna e flora, queda é pouco conhecida na região

Para chegar até a Cachoeira do Bégo, em Botuverá, é preciso informação e força de vontade. O local não é muito conhecido, nem mesmo pelos mais antigos e tradicionais moradores da cidade. Além disso, o acesso é difícil, sendo necessário caminhar por um barranco em meio à mata, embora seja rápido de chegar.

A recompensa por este pequeno sacrifício não poderia ser melhor: uma imensa e deslumbrante cachoeira, que impressiona pela força com a qual atira as águas do alto até uma linda plataforma de pedras. Ali as águas formam um fosso no qual é possível tomar banho em meio à natureza selvagem.

A água, parcialmente represada quando cai da cachoeira, arranja uma brecha pra escapar, formando um exuberante e longo curso d'água. Mais um que abastece as casas das famílias botuveraenses, privilegiadas com o recurso hídrico puro e preservado.

IMAGEM: Pássaro Araçari-poca come frutas na copa de uma árvore. O pássaro está com as asas fechadas. O corpo é verde escuro e a cabeça é vermelha. O bico dele é branco. Ele olha para o lado direito.

Primeiros passos

Para chegar até a Cachoeira do Bégo é preciso entrar em direção à localidade de Ribeirão Porto Franco. As estradas são de chão, com muito cascalho e barro acumulado nos dias chuvosos. Pelo caminho se encontra o que há de mais característico no município de Botuverá: mata atlântica, árvores das mais diversas categorias e, principalmente, fontes de água.

Recurso em abundância no município, a água está presente em todo lugar. Antes de chegar ao destino é possível encontrar uma bela nascente, que brota em meio às pedras, jorrando por um cano colocado lá pela mão humana. Essa nascente se encontra com outras pelo caminho e colabora para a formação dos rios e ribeirões da região.

Quando chegamos a um ponto em que é necessário atravessar um curso de água, deixamos o carro e seguimos a pé. A subida é tranquila em meio a uma estrada de chão, porém limpa. Pelo caminho vamos pisando em folhas e cascalhos. Dali já não se ouve mais a civilização, mas o encontro com a fauna e a flora local é constante.

Trilha do Bégo

A trilha do Bégo, como é conhecida, leva até o município de Nova Trento e é mais utilizada pelos ciclistas. Há dúvidas quanto à origem do nome, mas comenta-se sobre a

possibilidade de ser uma abreviação de Bérghamo, província italiana da qual é originária grande parte dos ancestrais botuveraenses que emigraram para o Brasil.

Logo no início da caminhada, porém, começamos a buscar a cachoeira, da qual não se havia muita informação. É necessário desviar da trilha do Bégo e seguir uma picada, ou seja, um caminho em meio à mata feito com o facão. A partir daí são apenas dez minutos a pé até a cachoeira, mas o território é hostil.

A fauna se fez presente em abundância, com animais exóticos. Logo de cara, encontramos um pica-pau-de-cabeça-vermelha, a buscar insetos para se alimentar. Também foi possível flagrar um araçari-poca comendo frutas na copa de uma árvore.

Com a umidade, o solo fica liso. Além disso é necessário passar por um barranco estreito, tomando muito cuidado para não cair. Muitas vezes a terra desmorona com a passada. Com ouvidos atentos é possível escutar, cada vez mais, a proximidade da imponente Cachoeira do Bégo.

Forte queda

Do alto de seus cerca de 40 metros, a Cachoeira do Bégo intimida. Já no topo a água é lançada para frente com muita força, formando com isso uma espuma branca. Na medida em que vai batendo nas pedras, sua força é controlada. A água, porém, é espirrada mesmo à distância.

IMAGEM: Cachoeira cercada por vegetação. A queda de água está centralizada.

Sentar-se nas pedras e contemplar mais um milagre da natureza é praticamente uma obrigação aos visitantes. Presente na caminhada, o secretário de turismo de Botuverá, Marciano Leoni, se mostrou encantado com o local. “Eu sempre ouvia falar, mas nunca tive a oportunidade de chegar até aqui. Estou deslumbrado. De todas as cachoeiras que eu conheço daqui é ou a mais ou uma das mais lindas de Botuverá”.

Cachoeira do Venzon

diversão e sustentabilidade

Espaço é tradicional ponto de encontro de amigos e familiares que apreciam lazer junto à natureza

Um passeio por Botuverá é considerado incompleto se o visitante não passar pela Cachoeira do Venzon. O local é bastante tradicional, e é há décadas um dos principais pontos de encontro de amigos e familiares botuveraenses que apreciam o lazer junto à natureza.

Ao chegar no espaço é possível entender o motivo de ser um sucesso de visitas. Um encontro perfeito do rio com o verde da mata atlântica está totalmente preservado. Árvores, pedras e o inconfundível som da queda de água estão caprichosamente à disposição dos visitantes.

Além de moradores de Botuverá, a cachoeira recebe pessoas de todo o país, principalmente no período do verão. Moradores de ambientes urbanos e metrópoles, buscando alguns momentos de paz longe da correria dos grandes centros, encontram na Cachoeira do Venzon uma excelente fuga da poluição sonora e visual das cidades.

O espaço é estruturado para receber os visitantes. Há lanchonete, mas mesmo assim é liberado a presença com bebidas e alimentos. Inclusive, o local tem à disposição de seus visitantes algumas churrasqueiras. A tranquilidade também é preservada, sendo que não é permitido som alto nas imediações.

IMAGEM: Cachoeira aos fundos com queda entre pedras de cor marrom. A queda faz uma curva para a direita. Na parte de cima, há árvores. Em primeiro plano há pedras.

Patrimônio de Botuverá

Patrimônio botuveraense, a cachoeira das terras da família Venzon fez parte da infância e da juventude de muitos moradores do município. Com o passar dos anos, mais pessoas foram se interessando no lugar, e a possibilidade de proporcionar uma estrutura para o turismo ecológico foi aproveitada.

Atualmente, embora o local ainda seja de propriedade dos Venzon, está sob nova direção desde março de 2018. Cansada de morar na região urbana de Brusque, Vanessa Severino mudou-se com o marido e a filha para a casa que fica próxima da cachoeira, administrando também o negócio, já que a família que empresta o nome para o local não teve mais interesse.

Segundo ela, há planos para desenvolver ainda mais o ambiente, se tornando um local propício para o ecoturismo. “Pretendemos fazer um restaurante aqui. Queremos investir, apostar na cachoeira para dar mais possibilidades aos visitantes”.

Com o aumento do fluxo de visitantes, contudo, foi necessária a tomada de uma série de decisões para controle da preservação da natureza e segurança dos banhistas. Os saltos de longa distância e os mergulhos de 'ponta', que eram algumas das firulas feitas pelos mais antigos frequentadores, foram proibidos.

Há uma série de locais em que não se é mais permitido ultrapassar, principalmente para subir ao topo da cachoeira. Os novos administradores também realizaram investimentos para melhorar a segurança, com marcações na cachoeira e limites de pontos do rio que não podem ser ultrapassados. "Nós temos dois guarda-vidas nos fins de semana e um e durante a semana".

No verão, a cachoeira fica aberta diariamente. Após a estação, a abertura dos portões para os visitantes fica condicionada ao clima. Como não há movimento com o clima frio, neste período o local é fechado, aguardando a próxima temporada de verão e dias mais quentes.

A Cachoeira do Venzon tem cobrança de taxa simbólica de entrada para manutenção do espaço, sendo que menores de 12 anos não pagam, mediante apresentação de documento.

Cachoeira do Lageado Baixo

tranquilidade no campo

Local conta com pousada, restaurante e queda pouco explorada

Pela quarta geração consecutiva, uma grande porção de terra na região do bairro Lageado Baixo, em Botuverá, pertence à família Tomio. É na propriedade dos Tomio que termina a Travessia dos Lageados, entre Guabiruba e Botuverá, contando com uma cachoeira imponente de cerca de 30 metros. O acesso é privado e necessita de autorização dos donos.

Conhecida como Cachoeira do Lageado Baixo, a queda é pouco explorada. Aos visitantes que fazem a travessia, é um ponto que marca a chegada, portanto é parada obrigatória. Sua queda é deslumbrante, e é possível acessar o topo para quem for mais aventureiro, pela margem esquerda.

Embora a cachoeira tenha restrições para visitação, há apenas três anos a família Tomio decidiu abrir as portas de parte de suas propriedades para os visitantes interessados em experimentar momentos de tranquilidade e sossego junto à natureza. A partir de uma ideia que levou alguns anos para amadurecer foi criada a Pousada e Restaurante Tomio. O local é estruturado para acolher turistas e moradores da região que desejam apreciar o que há de melhor na culinária caseira botuveraense.

No local há chalés para passar a noite e assim apreciar os sons de pássaros, o relaxante barulho da água correndo no rio e sentir o ar puro penetrando os pulmões. A Pousada e Restaurante Tomio   uma chance de ter a vivência no campo, desligando-se da tecnologia e do estresse acumulado com o cotidiano urbano.

IMAGEM: Cachoeira escorrendo por uma parede de pedras com musgos. A  gua cai em um riacho com água marrom. Há plantas verdes no lado direito da imagem.

Um dos atrativos mais procurados é a piscina natural, que vive lotada durante os verões. No amplo espaço verde, onde ficam os brinquedos de parquinho, há também um curso de água que embeleza o espaço, com uma ponte para atravessá-lo. Outros espaços   disposi o são campo de futebol, quadra de vôlei e cancha de bocha. Pelo terreno estão dispostos quiosques com churrasqueiras.

Visão empreendedora

Por ser um município altamente preservado, em Botuverá   normal que famílias antigas e tradicionais possuam terras abundantes em recursos naturais. Mata nativa, nascentes de água, cachoeiras, árvores frutíferas e outros elementos que compõe um invejável ecossistema são bastante comuns nestas propriedades.

Locais assim vêm sendo cada vez mais procurados por aqueles que vivem na ‘selva

de pedra', onde o contato com a natureza é praticamente nulo. Contudo, ainda há certa resistência por parte dos donos das terras para que estes espaços sejam visitados.

Observando a oportunidade de obter uma renda extra aproveitando as próprias terras, a família Tomio investiu na estrutura rústica aconchegante que hoje é destino de pessoas de todo o país. Turistas de São Paulo, Rio Grande do Sul e todo o estado de Santa Catarina almoçam, passeiam ou passam um fim de semana no lugar.

Doraci Dognini Tomio, proprietária, explica que a ideia já havia surgido há quase duas décadas. “No princípio eu não queria. Não gostava da ideia de trabalhar aos fins de semana. Só que há alguns anos nós trabalhamos em um lugar que tinha pousada, e pensamos que se fosse para trabalhar, que fosse em uma coisa nossa”.

IMAGEM: Queda de água em um rochedo. Há vegetação ao redor.

Nos fins de semana, o restaurante funciona no estilo buffet livre. A gastronomia no estilo caseiro e do campo, com muita polenta e galinha, mas também variedade de carnes e massas. O restaurante abre também nos dias de semana, mas mediante reserva. Para passar o fim de semana, estão à disposição na pousada seis chalés. Com lotação máxima, é possível abrigar 45 pessoas.

Atualmente, a família vem buscando investir em divulgação e expansão do local. “Nós queremos ampliar a piscina e trazer mais pessoas para os chalés. Recebemos aqui principalmente pessoas que vêm visitar as cavernas, e podem aproveitar para almoçar ou passar o dia pela localidade”, afirma Doraci.

Salto do Sessenta

Cascatas sem fim

Com cinco enormes quedas, local é um dos mais impressionantes de Botuverá

Uma das mais exuberantes e colossais belezas naturais de Botuverá fica no remoto bairro do Sessenta. O salto localizado próximo do estradão encravado em rochas, conhecido como Salto do Sessenta, impressiona pelo seu tamanho e a quantidade de quedas d'água: são cinco no total, uma maior e mais surpreendente do que a outra.

O acesso é fácil, mas é preciso estar de ouvidos atentos à água para não se perder. Há outras trilhas que levam para pontos mais afastados da mata. O forte barulho da água funciona como um radar, e indica se os visitantes estão próximos ou afastados do destino.

Pelo largo espaço junto à natureza em sua primeira queda, o Salto do Sessenta é um dos mais confortáveis para passar o tempo. Os visitantes têm lugar de sobra nas pedras para sentar e contemplar o meio ambiente quase que totalmente preservado das redondezas.

IMAGEM: Cascata entre árvores. Em primeiro plano há pedras e em seguida um pequeno riacho.

Entrada com permissão

Como sua entrada parte de propriedade particular, é necessário pedir autorização aos donos na entrada. Em seguida é preciso passar por um rio, para dar sequência na estrada. O caminho é limpo, e jipes ou quadriciclos podem tranquilamente chegar bem próximo das quedas.

Cascalho e folhas estão espalhados no caminho dos visitantes. De um lado e de outro, o verde da mata acompanha o trilheiro. A estrada é limpa e está em excelentes condições para ciclistas e jipeiros. Para quem resolve encarar a subida a pé é preciso força nas pernas.

No meio do caminho nos encontramos com uma cobra-cipó. Bastante comum na região, ela é inofensiva ao ser humano. E, além disso, medrosa: ao ver a expedição, rastejou velozmente para as árvores, onde ficou embrenhada para se camuflar na escuridão.

Seguindo um pouco mais à frente foi possível ouvir o convidativo barulho das cascatas. Descemos, portanto, uma pequena trilha de mata para chegar ao encantador lugar. Em algumas pedras dentro do rio é possível sentar e sentir o curso de água passando por baixo, além de contemplar a queda de água inclinada, quase que deitada, da primeira queda do Salto do Sessenta.

IMAGEM: Água escorre entre pedras e cai em um rio de água esverdeada. Ao redor há vegetação.

Subindo os andares

Foi logo após se afastar mais para observar o topo do salto que foi avistado o topo de uma cabana. Isso nos chamou a atenção para a possibilidade de encontrarmos mais planícies naquela parte. Voltamos para a mata, na margem direita do rio, e subimos até descobrir onde ficava aquela cabana.

Ela foi construída a partir de madeiras de árvores cortadas na redondeza. O trabalho foi caprichoso, mas os vestígios da passagem humana por ali são desagradáveis: caixas de leite, latas de cerveja e maços de cigarro estão espalhados pelo lugar. Até uma churrasqueira de barro foi improvisada.

Fora isso, o 'segundo andar' do salto também é deslumbrante, com partes mais fundas para se banhar. Seguindo a subida, fomos até a terceira queda. Sem tanta pressão de água, é calma pura, sendo que a queda é de perder de vista. Sem saber das outras duas quedas – fomos informados somente mais tarde que há cinco delas -, paramos por ali já admirados com a magnitude do Salto do Sessenta.

Cachoeira da Água Fria

Queda repleta de histórias

Área é localizada em terras de famílias de imigrantes italianos que deixaram a região central de Brusque

Quando os italianos chegaram à região do Vale do Itajaí entre o fim do século 19 e início do século 20, os alemães já estavam bem adaptados à vida no Brasil. Ainda não estabelecidos, procurando um lugar para prosperar, os imigrantes da Itália foram alocados em regiões mais altas e montanhosas, fora da área central.

Foi assim que muitos dos italianos, principalmente oriundos da província de Bérgamo, foram parar em Botuverá, localidade que na época ainda pertencia a Brusque. Mas o que era para ser uma retaliação acabou sendo um verdadeiro presente para muitos destes homens e mulheres que buscavam um recomeço em outro continente. Nestas terras até então desprezadas estavam escondidas diversas belezas e riquezas de valor inestimável, provindas da natureza.

Há cerca de quatro gerações, descendentes de italianos possuem uma propriedade rural que conta com um dos mais bonitos atrativos naturais de Botuverá: a Cachoeira da Água Fria. Localizada no bairro Lageado, fica aos fundos da residência da família. O acesso é fácil, mas a propriedade é particular. Entre as famílias que estão envolvidas na história da cachoeira está a Comandoli.

IMAGEM: Cachoeira escorre por um paredão de rocha. A cachoeira é cercada por um rochedo. Á água cai em um riacho com pedras pequenas.

Vida no campo

Dentro da propriedade, vive-se uma experiência pura da vida no campo. Um belo açude na entrada recepciona os visitantes. Ao lado da residência, as tangerinas crescendo em um pé estão no ponto para o consumo. Mais à frente, antes da porteira que leva para a cachoeira, galinhas curiosas observam quem por ali passa.

Assim que se cruza a porteira, percebe-se o esforço e o capricho da família dona das terras para manter a preservação do belo lugar. Uma caminhada curta cruza o rio. As pedras podem servir de apoio para quem não quer molhar os pés, mas o mais recomendável é ter a experiência de caminhar pelo raso rio.

Em pouco menos de 20 metros, a cachoeira salta aos olhos dos visitantes. Tranquila, límpida e exuberante, faz a água do alto seguir seu destino com a dramática queda. Tão bonito quanto a queda, porém, é o fosso que ela forma quando acumulada nas pedras. Praticamente uma piscina natural, convidativa para um banho na água pura. O nome de Água Fria é bastante lógico. Localizada em uma das partes altas do município, a cachoeira tem sua temperatura mais reduzida.

Pelos lados do rio, há alguns caminhos que se pode fazer pela mata. Principalmente na margem direita, há enormes mangueiras conectadas no rio, que servem para utilizar a água pura e limpa para o dia a dia. É com o uso desta água, bombeada, que é feito o açude. O estabelecimento de mangueiras para coletar a água de rios é algo bastante comum em Botuverá, aproveitando a pureza dos recursos hídricos. E são encontradas em diversos cursos de água no município.